



ASEAC Festa de Confraternização:

UM GRANDE SUCESSO: A FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO 2014!

No dia 06 de dezembro aconteceu a Festa de Confraternização da ASEAC, no Clube 17, no Horto. A música contagiante, um excelente buffet e a alegria de todos os participantes proporcionaram o tom de sucesso do encontro. Alguns convidados deram seus depoimentos sobre o que acharam da festa e quais as expectativas para o ano de 2014.

Páginas 4 e 5

A luta das entidades Sindicais

Em entrevista exclusiva os nossos colegas da CEDAE, Francisco Carlos Martins, que também é Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviços de Esgotos de Niterói e Marcelo Peres Gomes, também Secretário de Imprensa e Comunicação da Força Sindical do Rio de Janeiro, conversam sobre a atuação sindical em questões que envolvem a privatização da CEDAE, a necessidade de dar mais atenção ao seu corpo funcional e a excelência na prestação de serviços da empresa para toda a população do Estado do Rio de Janeiro.

Página 6 e 7



Editorial: Obrigado por nada, amigos ursos!

Página 2



Mulheres Que Fazem: Luziete da UniverCEDAE

Página 3

Se Essa Rua Fosse Minha: Ronaldo Ribeiro - GDO

Página 3



História Viva: Entrevista com Paulo Henrique Alves de Almeida / Transporte

Página 8

Editorial

OBRIGADO POR NADA, AMIGOS URSOS!

Flávio de Carvalho Filho

Diretor Presidente da ASEAC



A fábula descreve bem os atuais sentimentos dos empregados da CEDAE, mas lembrando o período de campanha da eleição para o primeiro mandato deste governo, vem na memória um episódio em que o governador participou e que ficou conhecido como “O abraço na CEDAE”. Nesta conjuntura existe uma expressão popular que também define bem a situação atual. Essa expressão é “O abraço de tamanduá”. É o abraço que perde as características afetivas. É o abraço em que as garras são mortalmente cravadas nas costas da vítima.

Quando, internamente e externamente, em relação a abastecimento de água e esgotamento sanitário, se tem falado dos muitos milhões já investidos ou em fase de obras e nos bilhões em andamento, previstos para aplicação em uma nova estação de tratamento de água, novas adutoras e reservatórios para o abastecimento da Baixada Fluminense, além da previsão de outros tantos milhões em novas obras de grande porte para esgotos, não entendemos porque falar em delegar esses serviços a terceiros. Qual é o sentido disso? Qual o interesse em jogar? Por que “entregar de mão beijada” esse patrimônio para iniciativa privada?

Já devíamos estar acostumados a vezes desse tipo.

Para os que não se lembram, ou para aqueles que não viveram outros tempos, valem as informações a seguir:

Quando da campanha eleitoral para o mandato estadual no período de 1995 a 1998, a ASEAC convidou os candidatos para, no Clube 17, apresentarem suas propostas de governo. Nessa oportunidade o discurso de Marcelo Alencar era que, eleito governador, não privatizaria a CEDAE. Uma vez eleito, o que vimos foi uma sucessão de privatizações - Campos dos Goytacazes (Águas do Paraíba); Região dos Lagos (Águas

de Juturnaíba e Prolagos) e Niterói (Águas de Niterói).

No governo seguinte, situação semelhante. Garotinho se elege governador tendo como promessa de campanha não privatizar a CEDAE. Ao assumir o governo, apesar das solicitações dos empregados da CEDAE para que retomasse Niterói, nada fez nesse sentido. Até hoje não está claro se na ocasião, por parte da CEDAE, a documentação de passagem dos serviços para a iniciativa privada continha todas as assinaturas necessárias. O que sabemos é que não foi do seu interesse se indispor com o Prefeito de Niterói, Jorge Roberto da Silveira, ambos, naquela época, do mesmo partido.

Para quem pensa que a tentativa de Privatização da AP-4 do Município do Rio de Janeiro é algo novo, lembramos que, na época (ano 2000), apesar da direção da CEDAE ser contrária a entrega daquela área para iniciativa privada, o governo do estado não era. Logo no início do governo Garotinho isso quase aconteceu. Só não ocorreu devido a forte reação da ASEAC, Sindicatos e das Associações de Moradores, inclusive com enfrentamento e pancadaria com a Polícia Militar no Riocentro. Isso está registrado nos jornais da ASEAC ¹.

Está completamente enganado quem pensa que a tentativa de privatização parou por aí. No final de seu governo, Anthony Garotinho, enviou a mensagem nº 13/2002 dando origem ao projeto de lei 2878 de 26/02/2002, autorizando, em regime de urgência, o Poder Executivo incorporar 40% das ações da CEDAE em poder do Estado ao patrimônio da Rio Previdência. Uma tentativa “camuflada” de privatizar parte do capital da empresa, uma vez que a Rio Previdência para capitalizar seu caixa poderia desfazer-se das ações vendendo-as a iniciativa privada. Uma rápida movimentação da ASEAC acionou as demais Associações e Sindicatos ligados a CEDAE que, em conjunto com parlamentares, conseguiram impedir a tramitação do projeto e mais esse arranjo astuto para privatização de parte do capital da Companhia. A situação foi tão aberrante que parlamentares da base do governo, inclusive os do mes-

mo partido que o governador, classificaram o ato de absurdo. Na época a direção do SINTISAMA diz que Garotinho traiu seu próprio discurso e o compara a Marcelo Alencar ².

Terminada essa penosa fase, se iniciou outra de 2003 a 2006 com a continuação do mesmo clã de Campos dos Goytacazes. Nada mudou. Durante a campanha eleitoral de Rosinha Garotinho, foram feitas as mesmas promessas sobre não privatizar a CEDAE, mas durante a sua administração, em 2005, tivemos a famigerada proposta de cisão da CEDAE em 6 empresas. A proposta chegou a ser aprovada pelo Conselho de Administração da CEDAE, com apenas um voto contrário no Conselho, o do Representante dos Acionistas Minoritários, nosso saudoso Dario Mondego. Na Diretoria, dois Diretores empregados da casa também votaram contrário à cisão. No jornal da ASEAC Maio/junho 2005, com o sub título “Conselho de Administração Aprova Cisão da Companhia em Seis”, está noticiado “A decisão teria sido tomada por orientação da própria governadora Rosinha Garotinho” ³. Foi necessário ter muita união e mobilização dos empregados da CEDAE para vencer essa luta e não deixar que a decisão do Conselho de Administração prevalecesse. Outra nefasta lembrança dessa época foi quando o governo entregou a empresa nas mãos de uma súcia e a deixou agir livremente, resultando na delapidação da CEDAE, CAC e PRECE de uma forma tão vil, que ainda vamos continuar sentindo os efeitos durante muito tempo.

Temos que ter muito cuidado com o “fogo amigo”, no caso, aqueles que na campanha “prometem mundos e fundos” e depois nos fazem passar maus momentos, mas também não podemos nos esquecer daqueles “inimigos de carteirinha” que utilizam a privatização da CEDAE como bandeira das suas políticas eleitoreiras.

Saindo um pouco do passado dos governadores, devemos lembrar de outros personagens e seus pronunciamentos, que em termos de futuro nada encantam os trabalhadores da CEDAE.

O primeiro deles é Lindberg

Farias, que eleito Prefeito de Nova Iguaçu, em entrevista a ISTO É - Gente, no penúltimo bloco da entrevista fala que: “Também pensa numa empresa de saneamento em parceria com a iniciativa privada, para se ver livre da CEDAE” ⁴.

O segundo é o deputado Luiz Paulo Corrêa da Rocha, que no governo Marcelo Alencar acumulou os cargos de Vice-governador e de Secretário Estadual de Obras, Secretaria a qual a CEDAE era vinculada. Nesse período, em favor do desenvolvimento da CEDAE nada fez, muito pelo contrário. Ele foi os braços direito e esquerdo de Marcelo Alencar para entrega de Niterói, Região dos Lagos e Campos dos Goytacazes à iniciativa privada.

Em terceiro, mais um oportunista apareceu. A deputada Aspásia Camargo, que no caso do vazamento em Campo Grande se aprepou de, na mídia, chamar a CEDAE de empresa assassina e, depois de tomar conhecimento do laudo pericial da polícia, que inocentou a Companhia, não teve a hombridade de ir a público se desculpar. Essa senhora recentemente publicou um artigo na coluna Opinião do jornal O Globo pedindo, claramente, a privatização da CEDAE. Seu posicionamento foi rebatido pela ASEAC em 29/01/14, também na coluna Opinião do mesmo jornal ⁵.

Prezados colegas a retrospectiva contida neste texto foi para lembrar quantas promessas vãs já ouvimos, “levamos gato por lebre” e depois nos decepcionamos com “lobos em pele de cordeiro”. Esse festival de ditos populares ao longo do texto foi proposital para ficar bem marcado em nossas mentes o cuidado que precisamos ter no futuro e lembrar que “os leopardos não perdem suas pintas” e que as pintas desses leopardos já tivemos a oportunidade de conhecer.

Colegas, é a hora de serem deixados de lado posicionamentos tacanhos e pensamentos pequeninhos. É hora de nos unirmos em prol de uma grande esperança: A de voltarmos a ser a melhor Companhia de saneamento do Brasil, na visão da população, dos empregados e do governo, mas, fundamentalmente, uma empresa pública.

A expressão “Amigo Urso” teve sua origem em uma das fábulas de La Fontaine. Com o passar do tempo a mensagem da fábula passou a transmitir o sentimento daqueles traídos por um amigo.

Este, sem exceção, é o sentimento dos empregados da CEDAE que assistiram na TV, ou logo após tomaram conhecimento da declaração do governador sobre a entrega, para a iniciativa privada, de setores do saneamento hoje sob a responsabilidade da Companhia.

Para quem assistiu, percebeu que, pressionado pela mídia, o governador não quis comprometer sua imagem com o problema da falta d’água. Preferiu sacrificar a imagem da Companhia, do que vir em sua defesa e argumentar que esta situação não estava restrita ao Rio de Janeiro e que outros estados também estavam passando por situação semelhante, fruto de um verão seco e atípico, onde aqui a temperatura na superfície das águas do mar nas praias oceânicas, por sete dias, chegou a atingir 30 graus Celsius (O Globo 24/01/2014).

Outra leitura que está sendo feita é que o momento foi, convenientemente, propício para atender aos interesses de um grupo do seu governo que há muito vem forçando essa entrega.

1 - www.aseac.com.br/jorn27_4.htm; www.aseac.com.br/jorn25_1.htm; www.aseac.com.br/jorn19_1.htm;www.aseac.com.br/jorn19_12.htm. 2 - www.aseac.com.br/jorn39_5.htm; www.aseac.com.br/jorn39_6.htm e www.aseac.com.br/jorn39_4.htm. 3 - www.aseac.com.br/jorn59_1.htm 4 - www.terra.com.br/istoegente/280/reportagens/pers_lindberg.htm. 5 - oglobo.globo.com/opinia/razoes-da-cedae-11431781.

Associação dos Empregados de Nível Universitário da CEDAE
Rua Sacadura Cabral, 120, Sala 802, Centro
Rio de Janeiro - RJ

Telefone: 2263-6240
Telefax: 2253-7482

E-mail:
aseac@aseac.com.br

Home Page:
www.aseac.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA
Diretor Presidente
Flávio de Carvalho Filho
Diretor Vice-Presidente
Edes Fernandes de Oliveira
Diretor Administrativo
Edson Reis da Silva
Diretor Financeiro
Sidney do Valle Costa
Diretor de Comunicação
Jussara Seia Ferreira
Diretor Técnico
Sérgio Pinheiro de Almeida
Diretor Social
Reynaldo de Souza Dutra
Diretor Jurídico

Aloysio Gomes Feital Filho
Diretor Adjunto
Miguel A. F. Y Fernández

Conselho Diretor - 2012/2014
Administradores:
Luziete Francisca da Silva
Advogados:
Sylvana dos Santos Moreira
Analistas:
César Lima da Graça
Aposentados:
Jorge Rodrigues Leitão
Sivaldo Sívio Moreira
Arquitetos:
Luis Oscar Mota Belmont

Contadores:
Sérgio Pereira
Economistas:
Leonardo Mattos Duarte Silva
Engenheiros:
Carlos Alberto Pereira Guina
Maria Inez Norys Tibério
Marcelo Dibe Rodrigues
Elvira Cesar Guedes de Moura
Marcos Tadeu de Oliveira
Márcia Andréa de S. Borges
Geólogos:
Paulo Roberto Cruz Soares
Matemáticos:
Fabrício José Terra Pires
Professores:

Ricardo José de A. Marinho
Psicólogos:
Maria Regina de O. Azevedo

Conselheiros Natos
Antonio Ignácio da Silveira
Emy Guimarães de Lemos
Walny Bittencourt de Oliveira
João Carlos do Rego Pinto
Renato Lima do Espírito Santo
Carlos Henrique S. Menezes
Jaime Dutra Noronha
Dario Mondego
Paulino Cabral da Silva
Flávio Guedes de Medeiros
Luiz Alexandre Sá de Faria



Jornal da ASEAC

Expediente

Conselho Fiscal - 2013/2015
Efetivos:
Emy Guimarães de Lemos
Sueli Kolling
Luiz Alexandre Sá de Faria
1º Suplente: Ana Tereza Souza Martins
2º Suplente: Elder Muniz da Silva
3º Suplente: Altamir Pereira Nunes

Jornalista responsável:
Mariângela Carvalho Mtb 7899RS
Fotografia: Marcelo de Jesus
Editoração: Claudio Partes e Natália Espíndola
Colaboração especial: Luana Cabral
Realização: Trixcom Comunicação

TIRAGEM: 2.000

Este jornal é um dos principais canais de comunicação com os associados da ASEAC e não possui fins lucrativos. Para sua viabilização, a nova diretoria buscou o apoio publicitário de pessoas jurídicas, a quem agradece de antemão a colaboração. Para ser um colaborador, entre em contato com a ASEAC e faça parte desta rede de informação. A distribuição é dirigida a associados da ASEAC, funcionários da Cedae e a uma seleta mala direta de instituições parceiras, públicas ou privadas. O Jornal ASEAC não se responsabiliza pelas opiniões de terceiros retratadas nos artigos e matérias. As opiniões exaradas através das cartas enviadas a ASEAC ou pelos entrevistados são de responsabilidade exclusiva de seus emitentes. A ASEAC se reserva o direito de não publicar trechos que contenham linguagem inadequada ou de aspectos não éticos.

41 anos a serviço da CEDAE



Luziete Francisca da Silva é Administradora de Empresas, graduada em 1987 pela Universidade Celso Lisboa e possui Licenciatura e Bacharelado em Português/Literatura, concluído em 1975, pela Universidade Gama Filho.

Atualmente é a responsável pelo Departamento de Desenvolvimento de Pessoas – ARH-GDP-1, área em que atua há mais de 11 anos.

Aos 19 anos de idade, após aprovação em Concurso Público, quando foi a 18ª classificada, ingressou na CEDAG – Companhia Estadual de Águas do Estado Guanabara, no dia 18 de setembro de 1972, no cargo de Auxiliar de Escritório. Para desempenhar suas atividades foi encaminhada para a antiga OML-6 (Distrito de Águas do Méier), onde, inicialmente, trabalhou no Setor de Atendimento, sen-

do depois transferida para o Escritório do Distrito.

Com a mudança física do Distrito para a Rua Frei Pinto, foi nomeada Auxiliar de Setor, atuando como Secretária do Engenheiro Chefe do 4º DAE. Foi nesse período que passou a ministrar aulas para os Encarregados dos Distritos (3º e 4º DAE), seguindo o Programa de Treinamento, que consistia em treiná-los diariamente, no início das manhãs, ministrando aulas de Português, Matemática, Hidráulica e Prevenção de Acidentes.

Em 1977, pela sua formação na área de educação foi convidada pelo Serviço de Treinamento para ministrar cursos para os empregados que prestavam concursos internos. Nessa época, a CEDAE oferecia cursos de nivelamento em Português, Matemática

e Conhecimentos Específicos para os novos Cargos em que os empregados iam atuar. Vários foram os cursos ministrados por Luziete, o que aumentou a sua experiência e deu-lhe condições para trabalhar na área de Desenvolvimento de Pessoal da Empresa.

Como não havia quem a substituísse, trabalhava de manhã no Distrito, cumprindo com todas as suas obrigações e à tarde no Serviço de Treinamento, que fisicamente se localizava onde hoje se encontra o prédio da UniverCEDAE.

Em torno de 1980, assumiu a Chefia do Serviço de Treinamento. Desde então, permanece na área de Desenvolvimento de Recursos Humanos, passando pelas Chefias do Serviço de Integração, do Serviço de Planejamento

de RH, do Serviço de Treinamento e do Serviço do Recrutamento e Seleção. Durante os 41 anos de sua trajetória profissional, esteve ausente da área de Desenvolvimento de Recursos Humanos por cinco anos apenas.

Dentre os vários momentos importantes vividos em sua carreira, alguns a marcaram profundamente, não pelo reconhecimento financeiro, mas principalmente pelo reconhecimento profissional. O mais importante, sem dúvida alguma, foi a inauguração da UniverCEDAE, ocorrida em 2009. “Foi quando realizei meu grande sonho, idealizado por todos os que já haviam passado pela área de Desenvolvimento de RH da CEDAE, como o saudoso Dario Mondego, que sonhou com a criação de um Centro de Treinamento, tendo inclusive, não permitido que os empregados de uma Secretaria de Estado, que já se encontravam à porta com suas mudanças em um caminhão, ocupassem o prédio”, relembra.

Luziete é uma pessoa que, além de trabalhar na CEDAE e amar o que faz, por ser cristã, ama estar na presença de Jesus e trabalhar em projetos assistenciais na Igreja. Além disso, ama curtir a sua família e os seus amigos. Gosta de viajar, conhecer novos lugares e pessoas, ama ir à praia, cinema, teatro, ler, ir a shoppings, dançar, bater um bom papo, enfim, viver a vida com equilíbrio.

Por isso mesmo, espera que a CEDAE se fortaleça cada dia mais, se mantendo

pública e capaz de cumprir o seu papel social. Espera que a PRECE e a CAC também permaneçam fortes, pois as considera de fundamental importância para a manutenção da qualidade de vida dos empregados da empresa. “Espero que a CEDAE possa ter o seu Planejamento Estratégico, com o estabelecimento de Metas, Missão e Valores, além do estabelecimento de Indicadores e o cumprimento deles”, afirma.

Como uma profissional experiente na área de RH, Luziete espera, também, que seja estabelecida uma política de Recursos Humanos, através da criação de um novo Plano de Cargos, Carreiras e Salários, ou a reformulação do Plano atual, além da criação do sistema de Avaliação de Desempenho e Mérito. Está certa de que essas medidas irão permitir aprimorar a capacitação do corpo funcional da CEDAE, a permanência dos novos contratados e a melhoria da qualidade de vida dos seus empregados, estabelecendo um atendimento de qualidade ao povo do Estado do Rio de Janeiro, pois entende que a Empresa só existe para servir ao povo desse Estado, afinal, parodiando um grande amigo, “quem não serve para servir, não serve para trabalhar na CEDAE”, diz.

E conclui deixando uma mensagem a todos “Porque o Senhor é bom, o seu amor dura para sempre e, de geração em geração a sua fidelidade.” (Salmos 100:5)

Se Essa Rua Fosse Minha

Ronaldo Ribeiro – GDO Rogério dos Santos – GDO-2

Nesta rua tem um bosque que se chama solidão.

Temos conhecimento que outras empresas de saneamento, públicas e privadas, do Brasil se interessam em implantar projetos de gestão desenvolvidos por colegas nossos, inclu-

sive colegas aposentados. Alguns destes projetos nem são conhecidos pela CEDAE. A solidão de não ser conhecido!

Se esta rua fosse minha gostaria de ver iluminado o bosque solitário. Tendo como lanterna a certeza que

a incansável gestão, principalmente a de longo prazo, é o forte fator de transformação empresarial. A luz da BOA gestão, luz que dirime a confusão entre: - Gestão que pressiona versus a gestão que proporciona produtividade juntamente com a satisfação do grupo cola-

borador; - Gestão que se vangloria, versus a gestão que se examina e se testa criteriosamente; - Gestão com auto percepção para decidir em contra ponto com os fatores indicados como base de conhecimento da percepção para decidir; - Gestão com isolamento

gestacional substituído pela sinergia do encontro para o autoconhecimento empresarial. E, assim, seguirmos com esta lanterna para que esta nossa rua se perceba e pare de ser encolhida. E que Nova, possa se expandir para ocupar mercados pra além dos atuais.

Festa de Final de Ano ASEAC



- **Rafael Carvalho Oliveira Santos**, - Gerente de Desenvolvimento de Pessoas (UniverCEDAE), foi o sorteado com um GPS COM TV, acompanhado por sua esposa Mônica Santos:

“Costumo sempre vir à festa da ASEAC, que sempre é muito divertida e dá a oportunidade de convívio com colegas que nem sempre encontramos. Isso é muito bom. Além disso, a organização da festa é muito boa. Gosto muito. Minha expectativa para 2014 para a UniverCEDAE é conseguir estabelecer um conjunto de cursos e palestras que obedeçam a um sistema mais racional e específico, nas diversas áreas. A UniverCEDAE começou de forma orgânica. O conjunto de cursos não obedeciam a um planejamento global, mas tinha que ser assim mesmo, senão não teríamos conseguido fazer nada. Mas agora é hora de ordenar as coisas de forma mais científica. E, minha meta é caminhar nesse sentido.”

- **Paulo Roberto Soares** - Geólogo - Assessor da Diretoria de Interior da CEDAE, também foi sorteado com uma bolsa térmica:

“Minha expectativa é ampliar o universo de abastecimento no interior e concluir os projetos que estão em andamento. Temos vá-

rios projetos caminhando, como o de Maricá, Valença, Itaperuna, Barra do Piraí, etc. Quanto à festa, eu compareço a todas, sempre, para rever os amigos e participar das brincadeiras. É sempre muito bom!”

- **Elvira Cesar Guedes** - Assessora de Licitações da CEDAE:

“A festa é muito boa e uma grande oportunidade para rever amigos que no dia a dia nós não temos como ver e também alguns amigos que já se aposentaram. Já falando das minhas expectativas para 2014, por ser um ano político, de eleições, espero que as coisas aconteçam da melhor maneira possível.”

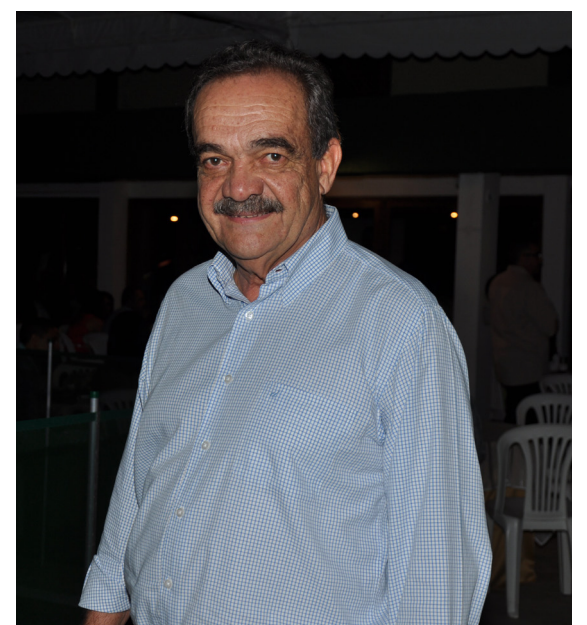
- **Valmir Nideck** - Chefe do Departamento de Eletromecânica de Esgotos da CEDAE acompanhado de sua namorada, Rosani Damasco:

“A festa está muito boa, animada e organizada. Houve muita dedicação da diretoria e da presidência da ASEAC no cuidado com os convidados. Está tudo ótimo. Minha expectativa para 2014 é que a gente prossiga em nossa finalidade, atendendo à população, sempre cuidando do meio ambiente. Que tenhamos mais apoio para desenvolvermos nossa

atividade e atender cada vez melhor a sociedade.”

- **Marco Abreu** - Diretor de Projetos Estratégicos e Sustentabilidade:

“Esta festa é um ótimo reconhecimento. É uma festa obrigatória para todo o pessoal que faz parte da ASEAC. Ainda mais com música ao vivo, ficou ótima. Minha expectativa para 2014 é que a CEDAE, com o nível de maturidade que já adquiriu, consiga concluir diversos projetos que estão em andamento e que irão melhorar muito a qualidade dos serviços prestados para a população.”



CAPA

Os principais momentos

No dia 06/12 mais uma vez realizamos a festa de confraternização dos associados e convidados da ASEAC, e mais uma vez, o melhor da festa foram VOCÊS associados.



5ª MOSTRA DE TECNOLOGIA E EQUIPAMENTOS PARA SANEAMENTO AMBIENTAL
5º ENCONTRO TÉCNICO DOS EMPREGADOS DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA CEDAE.

09-11 abril 2014
Centro de Convenções Sulamérica

PARTICIPE DO MAIS IMPORTANTE EVENTO DE SANEAMENTO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Informações e vendas:
FAGGA | GL EVENTS

Rio de Janeiro São Paulo
Tel: (21) 3035-3100 Tel: (011) 3044-4410

expoaseac@fagga.com.br
www.expoaseac.com.br

REALIZAÇÃO:



PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Fagga | GL exhibitions

Francisco Carlos A. Martins e Marcelo Peres Gomes

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviços de Esgotos de Niterói

Secretário de Imprensa e Comunicação da Força Sindical do Rio de Janeiro



ASEAC: Como é o relacionamento entre os Sindicatos e as Centrais Sindicais?

Francisco: O Sindicato de Niterói sempre esteve aberto às conversações com todos os sindicatos de diversas categorias e com todas as Centrais, sendo solidário nas questões que são de interesse dos trabalhadores, sem deixar se influenciar por forças políticas. Temos um bom relacionamento, desde que os temas sejam direcionados aos trabalhadores, pois entendemos que juntos somos fortes.

Marcelo: O relacionamento das Centrais Sindicais é de suporte aos Sindicatos filiados. Atualmente, há 5 Centrais legalizadas. A Força Sindical é considerada a maior do Brasil, em relação a sindicatos com empresas sem concurso, na quantidade de trabalhadores que engloba. Há uma pirâmide de relacionamento e as Centrais têm acesso direto ao Ministério do Trabalho, por isso, pode apoiar as ações dos Sindicatos, levando as reivindicações às altas instâncias do poder. Na base dessa pirâmide estão os trabalhadores, conforme a organização das questões

trabalhistas, em seguida estão, sucessivamente, Sindicatos, Federações, Confederações, Centrais Sindicais, Ministério do Trabalho e a Presidência da República.

ASEAC: O quanto a política partidária influi na atuação dos Sindicatos?

Francisco: No Sindicato de Niterói não há ninguém liderando por questões partidárias. A diretoria é pluripartidária. Independente do partido, as portas estão abertas para todos os partidos que venham a defender os direitos dos trabalhadores. O Sindicato não usa a categoria como massa de manobra para beneficiar nenhum partido.

Marcelo: A Força Sindical é pluralista. Não há gerência partidária de nenhum tipo. Na diretoria temos membros de diversos partidos, que não falam pelos seus partidos dentro da Central. Para se ter uma ideia, o Paulinho (Paulo Pereira da Silva) afastou-se da Presidência da Força Sindical para poder seguir seu caminho político. Mas ações políticas acontecem todos os dias. O que se deve é manter as questões

partidárias de fora.

ASEAC: O quanto a influência partidária é benéfica ou maléfica aos interesses diretos dos trabalhadores?

Francisco: Benéfica em acordos coletivos e quando os sindicatos apresentam propostas que venham melhorar as condições de trabalho e dar melhor atendimento à população, que são nossos clientes enquanto empresa pública. A influência partidária pode interferir nestes aspectos. Maléficas, quando os políticos usam as empresas públicas como cabides de empregos para cobrir gastos e compromissos de campanha que realizaram no processo eleitoral e usam a tribuna para votar contra os trabalhadores.

Marcelo: Nós dependemos de ações políticas, mas os trabalhadores não têm tido muitos benefícios na política partidária, porque essa é covarde. Poderia ser benéfica. O presidente Lula, por exemplo, quando poderia mostrar diferença, vetou o fator previdenciário. Isso significa tirar até 40% da aposentadoria. É raro e difícil ter benefício, só

com muita luta. Contudo, ação política sem partidarismo é diferente. Outro exemplo: Fizemos um encontro das Centrais com o Governador Sérgio Cabral pedindo para não privatizar a CEDAE e obtivemos sua promessa de não fazê-lo. Porém, é preciso fazer um concurso público e isso só pode ser feito se houver vontade política do Governador. Percebe-se na realidade que, nunca houve antes um número tão grande de empreiteiras prestando serviço terceirizado. Isso não representa qualidade no serviço, pelo contrário, a falta de compromisso representa a precarização do trabalho, gera a quarterização dos serviços, o que dificulta o controle e qualidade. Há trabalhadores terceirizados ou quarterizados trabalhando aos sábados, sem vale transporte e sem hora extra. Foi feito um acordo com Ministério Público para que seja feito o Concurso Público, mas a CEDAE está praticando o chamado "dumping social", que é preferir pagar as multas na justiça.

ASEAC: Os trabalhadores são representados junto à CEDAE e ao Ministério do Trabalho por 5 Sindicatos. Como é o relacionamento entre esses Sindicatos?

Francisco: O Sindicato de Niterói se relaciona de forma excelente com os Sindicatos de Campos, dos Engenheiros e Administradores, inclusive, pertencemos ao Movimento em Defesa da CEDAE, CAC e PRECE. E mantemos um bom relacionamento com o Sindicato do Rio.

Marcelo: O relacionamento entre as Centrais (Força Sindical, CUT, UGT, NCST e CTB) é bom, principalmente, quando nos unimos em torno da defesa de ideais comuns.

A passeata dos cem mil na Av. Rio Branco, por exemplo, foi resultado de uma ação conjunta das Centrais.

ASEAC: Quais os Sindicatos e Associações que atualmente fazem parte do Movimento em Defesa da CEDAE, CAC e PRECE?

Francisco: O movimento é composto por 4 Sindicatos (Niterói, Campos, Engenheiros, Administradores), 3 Associações (ASEAC, ASAPAE, AFTAE) e uma Corrente Sindical (FST - Frente Sindical Trabalhista).

ASEAC: O que está sendo feito pelos Sindicatos em relação aos PCCS?

Francisco: O Sindicato de Niterói vem cobrando sistematicamente as reuniões de acompanhamento do ACT, o que a Companhia não vem fazendo. Em virtude do descumprimento desta cláusula, nós já notificamos o Ministério do Trabalho e entramos em 2011, 2012 e 2013 com ações trabalhistas garantindo aos trabalhadores o direito às progressões horizontais (LETRA) e isonomia. E somos o terceiro interessado na ação civil pública que obriga a CEDAE a realizar concurso público para substituir os funcionários terceirizados e reduzir o número de extraquadro dentro da Companhia.

ASEAC: E em relação ao complemento dos quadros da CEDAE, com pessoal próprio?

Francisco: Como foi dito anteriormente, entramos como terceiro interessado na ação civil pública. Cobramos sempre em nossos boletins a necessidade de se realizar concurso público para recompor o quadro funcional da companhia. Antes éramos 13.000 funcionários para aten-

A luta das entidades Sindicais

der todo o estado do Rio de Janeiro, isso em 1990. Hoje a população do Rio triplicou e temos 6.700 funcionários para executar as demandas que aumentam a cada dia. Esta conta nunca irá fechar e quem paga o preço é a população que fica com um serviço deficitário. Veja o que está acontecendo neste verão.

Marcelo: Foi feito um apelo por parte da Força Sindical ao SINTSAMA e ao Sindicato de Campos para que também se integrem à ação, com o intuito de fortalecer o movimento.

ASEAC: A CEDAE prolongou o pagamento da dívida com a PRECE e emitiu quatro debêntures com valores significativos. Não se tem notícia de um planejamento para aumento de arrecadação a fim de fazer frente a essas dívidas. Os Sindicatos, preocupados com o futuro da empresa e o emprego dos trabalhadores, têm alguma linha de ação para obter mais detalhes do que está acontecendo?

Francisco: Como integrante do Movimento em Defesa da CEDAE, CAC e PRECE, foi feita uma denúncia junto à CVM e à PREVIC. Os Sindicatos e as entidades participantes do Movimento estão preocupados com a quebra de contrato feita entre a CEDAE e a PRECE, em que reduz o repasse de R\$7.800.000,00 por mês, para R\$ 2.000.000,00, colocando em risco todos os participantes inativos e pensionistas. O sindicato e Niterói propôs ao presidente da CEDAE a reabertura do Plano PRECE CV para os novos concursados uma vez que entendemos que o Plano PRECE 3 é ruim para os funcionários. São aproximadamente 3.000 funcionários sem plano de previdência que poderia estar oxigenando o Plano de Previdência. Na

questão dos debêntures é uma preocupação a mais para nós que representamos os trabalhadores que vemos a companhia caminhar para trás. A Companhia é auto sustentável e já provou isso quando pagou dívidas junto ao governo do estado e ao governo federal, vem fazendo doações a órgãos do Estado como o Corpo de Bombeiros. A companhia tem que investir no seu setor comercial descentralizando, estipulando metas e fortalecendo o setor com funcionários qualificados, aumentando assim sua receita, sem esquecer do setor de manutenção para dar respostas mais rápida à população.

Marcelo: A Venda dos ativos que está sendo realizada causa apreensão entre os trabalhadores. Quando um plano de previdência começa a vender ativos para pagar benefícios aos participantes do plano, não é sinal de alerta, é sinal vermelho.

ASEAC: Tem sido noticiado que a Agência Nacional de Saúde (ANS) está exigindo que empresas como a CAC adequem seus planos às novas regras, com novas coberturas médico - hospitalares. Isso resulta no aumento do custo para os assistidos e, a não adequação às imposições da ANS resulta em sanções. Os Sindicatos pretendem formular algum questionamento formal à CAC, sobre essa situação e as providências que a CAC está tomando?

Francisco: Hoje, na visão do Sindicato, a CAC já atende a todos os associados, independente da nova regra da ANS, embora tenhamos que solicitar autorização para alguns procedimentos médicos, acredito que esta prática é em todos os planos. Alguns médicos estão exigindo produtos específicos. Quanto ao problema de aumento

nas mensalidades o sindicato é contra, uma vez que esse problema se resolve com uma visão mais ampla por parte da Diretoria da CEDAE que é a mantenedora da CAC. Basta aplicar o PCCS na questão da progressão horizontal, corrigir os desvios de função e convocar concurso público. Aumentando assim o repasse de Folha de Pagamento para a CAC, já que se trata de um plano corporativo, demonstrando assim preocupação com a saúde do trabalhador e de seus familiares. Isso se reverterá em ganhos, pois gerará aumento de produtividade no serviço. Há oito anos, a CEDAE tinha em seu quadro 10 mil funcionários. Hoje, tem 6.700. Essa defasagem representa uma diminuição de repasse para o caixa de assistência.

Marcelo: O custo da CAC hoje é bom para o titular e dependentes, já para os agregados e PLANAF está totalmente fora do mercado, com taxas muito altas. Se for aumentar mais, vai ficar muito difícil. Será um desafio para a gestão da CAC. Quanto ao credenciamento, existem áreas de coberturas que precisam ser melhoradas, como a Zona Oeste da capital do Rio, segundo reclamações de trabalhadores.

ASEAC: Os Sindicatos têm algum posicionamento quanto às atitudes a serem tomadas em relação ao não pagamento da dívida do aluguel do anexo do Teatro Municipal com a PRECE?

Francisco: Esta informação ainda não chegou ao nosso conhecimento, mas a partir deste momento estarei encaminhando um ofício ao Presidente da PRECE com cópia para o Presidente da CEDAE, do Conselho Deliberativo e conselho fiscal, cobrando explica-

ções quanto ao tema e se há outras irregularidades nas cobranças de aluguéis e entraremos com uma representação junto aos órgãos competentes.

Marcelo: A Força Sindical dará total apoio, com seu corpo jurídico, às ações do Sindicato de Niterói, com relação a esse assunto que é de interesse dos ativos, aposentados e pensionistas participantes da PRECE.

ASEAC: E sobre o pagamento da dívida que a CEHAB tem com a CAC? A CAC já ganhou na justiça o direito de receber essa dívida e até agora ela não foi paga!

Francisco: Eu me reuni com o Dr. Aloisio Souza, antes que ele passasse o cargo para o atual presidente. Todos os mecanismos possíveis foram já usados. Foi colocado à disposição o jurídico do Sindicato de Niterói, mas não foi necessário. Há uma preocupação do Sindicato com o problema de caixa da CAC. Esse dinheiro resolveria parte dos problemas. Alertamos isso ao Presidente da CEDAE. Por isso, é tão importante que se faça urgentemente Concurso Público para oxigenar nossa Caixa de Assistência, além da proposta de promoção por letra, que também iria ajudar a oxigenar a CAC. O nosso corpo jurídico está atento e a qualquer momento, entraremos com uma representação no Ministério Público. Só lamento o porque dos diretores eleitos não procuraram as entidades sindicais para sugerir uma ação.

Marcelo: No início do ano, a FST colocou um boletim na base, denunciando uma queda de 5 milhões informado no balanço da CAC. Já naquela época, os trabalhadores fizeram uma reivindicação para o Humberto

Lemos e Flávio Guedes, representantes dos empregados junto a CAC, que não tinham feito nenhuma comunicação à base e aos trabalhadores. Pelo contrário, soltaram informativos dizendo que não havia problema de insolvência e que estava tudo bem. Por que os representantes eleitos pelos trabalhadores não informam a real situação da CAC?

ASEAC: Deixem uma mensagem final para nossos associados.

Francisco: A nova Diretoria do Sindicato de Niterói conseguiu aumentar a credibilidade junto ao trabalhador, através de uma administração austera e, nesse final de mandato, vai contemplar os associados com um consultório odontológico móvel. Em 2014, como presidente do Sindicato, quero dizer que a nossa diretoria não medirá esforços para resgatar as perdas no próximo acordo coletivo e lembrar que o sindicato não se resume a sua diretoria, mais sim com a participação de todos os trabalhadores do saneamento.

Marcelo: A luta em 2013 foi marcante para os trabalhadores, com inúmeras audiências públicas, em defesa da CEDAE pública. Estivemos junto com o Sindicato de Niterói na luta contra a privatização da CEDAE. Conseguimos reverter o Ato Declaratório da anterior presidente do TRT, em que os processos trabalhistas seriam parcelados em 5 anos. Foi um ano de lutas, mas também de vitórias, porque hoje a CEDAE continua pública. Contudo, a luta continua e nós, da Força Sindical, sempre vamos trabalhar por uma CEDAE pública para a população do Rio de Janeiro.

D'Artagnan da área de Transportes e Equipamentos



Paulo Henrique Alves de Almeida nasceu em 1937, em Alfenas, MG, com seis meses veio com os pais para a Tijuca – RJ. Em 1943, a família se mudou para o Grajaú, onde mora até hoje. “Já mudei de rua, mas não de bairro”, afirma. É Engenheiro civil, com especialização em Obras Hidráulicas (barragens, saneamento, etc.). Casou-se aos 35 anos com Lucia, com quem teve três filhos, Wagner, Jaqueline e Fábio. Ganhou um casal de netos do filho Wagner e está na expectativa de mais netos. “Dizem por aí que eu tenho 76 anos, mas em janeiro de 2006, quando nasceu minha neta, fiz uma cirurgia de coração muito séria. Considero que nasci de novo. Por conta disso, me considero com a mesma idade da minha neta. Que 76 anos, que nada, tenho oito anos!”, brinca.

Estudou no Externato São José, na Tijuca. Formou-se, em 1960, em Engenharia Civil na Universidade do Brasil, que logo depois virou UFERJ, atualmente UFRJ. Formou-se junto com o colega responsável por ter vindo trabalhar na CEDAE, Sérgio Sodré, com quem estudou desde o tempo do externato. Depois de formado, Paulo Henrique foi trabalhar em uma empresa italiana chamada TECHINT e o seu amigo Sodré foi para o Laboratório de Hidráulica Saturnino de Brito. Em meados de 1962, recebeu um telefonema de Sodré informando que haveria um concurso público para engenheiros, na semana seguinte. “O Governador na época era o Lacerda. Havia obra por todo lado, incluindo o projeto de ampliação do Guandu, que era o meu sonho”, conta.

Os dois passaram no concurso e em janeiro de 1963 houve uma solenidade de posse do grupo de engenheiros aprovados. A solenidade foi

no Palácio da Guanabara onde Paulo Henrique teve a honra de receber seu diploma diretamente das mãos do Governador. “Isso foi um evento muito importante para mim e para minha família. Imagina! A minha mãe tinha o retrato do Lacerda na parede da sala...”, lembra sorridente.

Em fevereiro daquele mesmo ano, o amigo Sodré foi lotado no departamento de água da SURSAN, e foi trabalhar na área de fiscalização de obras do Guandu. Já Paulo Henrique foi para a Secretaria de Serviços Públicos. Sodré tentou ajudá-lo a ir também para o Guandu, para que o amigo não ficasse em uma área que não tinha a ver com a sua formação. Mas não houve jeito e acabou se adaptando bem onde foi lotado, no Departamento de Concessões, comandado pelo colega Francisco Faria Junior, que alguns meses depois foi substituído pelo general Arari da Silva Torres, que se tornou amigo pessoal de Paulo Henrique. Algum tempo depois o General foi chamado para assumir a Superintendência de Transportes e Comunicações do Estado e o convidou para ser seu Assessor. “Aprendi muito com esse general”, diz.

No início de 1965, o General resolveu deixar o cargo e Paulo Henrique também deixou o cargo. Foi quando um colega, Luiz Carlos Rosas, que era Assessor do Secretário de Administração, o ajudou a entrar no Departamento de Águas da SURSAN. Foi lotado no 5º Distritos de Água, em São Cristóvão, como auxiliar do Correa Nunes. Em outubro de 1965, Lacerda criou a CEDAG, uma empresa de economia mista e Paulo Henrique tornou-se auxiliar do Amílcar Menezes Tavares, no Distrito da Ilha do Governador.

Em 1966, trocou o governo e, conseqüentemente, também

mudou a administração da CEDAG. Dr. Ataulfo Coutinho assumiu e montou a sua diretoria, colocando Walter Pinto Costa como Diretor de Atividades Auxiliares, que convidou Paulo Henrique a assumir a Divisão de Transporte e Equipamentos. “Como dizia Nelson Rodrigues, ‘na vida a gente tem que ter sorte em tudo...’ E eu tive muita sorte, porque quando cheguei para assumir o cargo, encontrei um trio de colegas da mais alta qualidade”, afirma. O entrosamento foi muito rápido. Logo quando chegou conversou com os três e dividiram a área assim: o Rui Carlos Freire Ribeiro ficou com o Transporte, o Luiz José Antunes continuou a gerir a área de equipamentos, e o Paulo Cesar Ripper ficou na área de controle.

A primeira missão em conjunto foi preparar um planejamento para os anos seguintes. A equipe se dedicou com afinco a essa tarefa. O planejamento ficou pronto e deveria ser apresentado para o Diretor Walter. “Eu, então, fiz questão de levar toda a equipe para a apresentação, pois assim todos três teriam a oportunidade de defender suas ideias perante a diretoria. O efeito foi ótimo”, conta orgulhoso. Mais do que aprovado, a equipe teve todo apoio para a implantação do planejamento que, para ser colocado na prática, contou com a participação de muitos colaboradores dedicados e competentes. “Havia um entusiasmo tão grande em todas as áreas da CEDAG, que fazia o ambiente geral muito bom. Todos trabalhavam visando o sucesso da Companhia”, diz saudoso.

Não demorou muito tempo, os resultados começaram a aparecer, com índices de operacionalidade próximo a 100%. “Todos caminhavam no mesmo sentido, dando saltos de qualidade. Era uma época áurea”, relembra. Todo esse movimento corporativo se refletia nos congressos de saneamento que eram cada vez mais frequentes e aconteciam em locais diferentes do país. Naquela época, a CEDAG ganhou uma liderança nacional na área do saneamento. “Colegas de outros estados vinham conhecer nossos métodos e formas de trabalhar. Isso nos deixava muito orgulhosos. A CEDAG era realmente entusiasmante, e todos queriam

fazer as coisas funcionarem. Os interesses da empresa vinham antes dos pessoais, todo mundo trabalhava com afinco, virava noite sempre que precisava...”, conta emocionado.

Os quatro integrantes da Divisão estavam sempre juntos. O grupo sempre ia falar com a diretoria em conjunto. Até no sábado, estavam juntos para jogar ‘pelada’ no Clube 17. A equipe era tão unida que um colega do jurídico, João Pedro, passou a observar a união dos integrantes da Divisão e os apelidou de Três Mosqueteiros, que, como no conto de Alexandre Dumas, eram quatro, sendo o quarto elemento o D’Artagnan, Paulo Henrique.

Em 1975, aconteceu a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro e aí nasceu a CEDAE, da junção da CEDAG, ESAG e SANERJ. Devido à junção das três empresas, o que era Divisão virou Superintendência e a estrutura cresceu com a chegada de colegas da ESAG e da SANERJ, mas os quatro companheiros permaneceram unidos, fazendo a Superintendência de Transportes e Equipamentos obter sucesso em tudo o que fazia.

Em janeiro de 1979, uma notícia trágica marcou para sempre a história dos quatro amigos. “A morte, por afogamento do nosso amigo Rui, em um acidente fazendo caça submarina em Angra dos Reis. Foi um acontecimento horrível que nos abalou profundamente. Foi tudo muito triste, até hoje me emociono quando me lembro disso”, fala consternado. Logo depois desse acontecimento, houve uma grande mudança na estrutura administrativa da CEDAE e o grupo se desfez. Foi cada um para um lado e terminou o trabalho dos ‘mosqueteiros’. “Naquela época nós combinamos de nos encontrarmos semanalmente, só que o grupo foi crescendo, com outros amigos que foram se juntando aos encontros que cada vez acontecia em um local da cidade e não havia um dia certo. O mais importante é que esses encontros acontecem até hoje, só que de uns dez anos pra cá, por comodismo, passamos a fazer os encontros às quartas-feiras, no SEAERJ”, informa.

Com a dissolução do grupo, Paulo Henrique passou por diversas áreas até se aposentar. Em 1982, foi criada a PRECE, embora só tenha sido oficializada em 1983. Paulo Henrique participou da primeira diretoria, como Diretor de Seguridade. Foi um momento de muito aprendizado, porque tudo era muito novo, afirma. Depois da PRECE, passou por outros setores e quase no final da carreira, foi para a área de licitações, junto com Joaquim Lobo. Foi uma fase muito proveitosa, pois aprendeu muito. “Adorava ler aqueles pareceres dos procuradores. Como eles escreviam bem”, conta.

Em 1998, aposentou-se e aí o contato com a CEDAE ficou restrito aos encontros nos almoços semanais. Mas, mesmo à distância, Paulo Henrique percebe que as pessoas que estão trabalhando na empresa são ótimas, mas precisam de direcionamento e condições para trabalhar. “Nós tínhamos isso. É preciso incentivar e apoiar as pessoas para elas darem o seu melhor, como nós dávamos. Naquela época nós não brigávamos por cargos, nós brigávamos porque queríamos fazer sempre melhor. Não tinha mesquinha, mas tínhamos muito treinamento”, relembra.

Para Paulo Henrique, a principal diferença entre a CEDAE do passado e a de hoje em dia é basicamente por conta da perda do brilho, pois começou a ter muita intervenção política e isso mudou tudo. “A empresa não merecia isso. Era uma trajetória de muito sucesso, para ser limitada a interesses políticos. No entanto, mesmo de longe, posso observar que isso vem mudando. Embora esteja muito longe de ser o que já foi, a CEDAE hoje está muito melhor do que há alguns anos. Faço votos que na próxima mudança de governo, se não puder ficar o próprio Victor, que fique alguém do mesmo quilate. O Victor está trazendo gente competente de volta para a empresa, para a CAC e para a PRECE. Isso já é um ótimo sinal de melhoria. Há uma vontade clara de voltar a ser o que foi a CEDAG no passado, uma referência nacional na área de saneamento. Agora, de longe, não depende mais de nós, só nos resta torcer para que dê certo”, conclui.